

ÁGUAS PASSADAS

SÉRIE ESPECIAL

▲ LETÍCIA GONÇALVES
lgoncalves@redgazeta.com.br

▲ NATALIA DEVENS
ncosta@redgazeta.com.br

Como o despejo de esgoto in natura ou o tratamento inadequado dos dejetos é a principal causa da degradação dos rios urbanos, a universalização da rede de coleta e tratamento é primordial para garantir a revitalização desses cursos d'água. A "solução mágica" para esse problema já surgiu diversas vezes nos últimos anos, mas nenhuma foi efetiva.

Os nomes Prodespol (Programa de Despoluição dos Ecossistemas Litorâneos) e Prodesan (Programa de Despoluição e Saneamento), lançados a partir da década de 1990, tornaram-se quase folclóricos. O Águas Limpas, iniciado em 2004, teve foco na Grande Vitória, e ganhou visibilidade na Capital, com a promessa de que 100% do esgoto seriam tratados. E foi só promessa mesmo: a universalização é atingida a partir de 95%. Vitória tem, na verdade, 89% de rede disponível, de acordo com a Cesan, mas nem todos os imóveis estão conectados.

A nova esperança de universalização, ao menos em cidades da Região Metropolitana, são as parcerias público-privadas (PPPs), por meio das quais empresas contratadas têm prazos e metas para construir as redes e modernizar estações de tratamento de esgoto. Uma delas já opera na Serra desde 2015. E uma nova PPP deve atuar em Vila Velha a partir do mês que vem. Cariacica vai seguir o mesmo caminho, ainda sem prazo.

Cabe à Cesan fiscalizar o cumprimento das cláusulas do contrato e monitorar o desempenho das empresas. De acordo com a companhia, a Serra conta hoje com 78% de rede de coleta e tratamento de esgoto e a meta da Serra Ambiental para 2017 era chegar a 67%. A empresa tem que universalizar o tratamento de esgoto até 2024, mas será a responsável pela operação do sistema até 2045.

A Cesan garante que o risco de uma PPP de saneamento não dar certo é baixo. Mas há ponderações a serem feitas. O presidente da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (Abes) – seção Distrito Federal –, Marcos Helano Fernandes Montenegro, diz que a principal dificuldade na operação de uma empresa privada na área é a falta de ações integradas com outros setores.

"Tem a ver com a dificuldade de trabalhar com as políticas de habitação, de bairros com infraestrutura urbana precária. Essa situação precisaria de um



O triste retrato brasileiro: canos despejam esgoto nas águas do Rio Marinho

EM MEIO A TANTO DESCASO, ONDE VAMOS PARAR?

ESPECIALISTAS APONTAM CAMINHOS PARA SALVAR O QUE RESTA DOS CURSOS D'ÁGUA NA GRANDE VITÓRIA

enfoque mais integrado, o que um prestador de serviço privado dificilmente fará", avalia.

"Acho que estamos, no Brasil, hoje, remando contra a tendência mundial, de cidades como Paris e Berlim, que nos últimos 15 anos passaram de prestador privado para prestador público", comple-

**R\$ 207
MILHÕES**

Foi quanto a Cesan arrecadou com a cobrança de tarifa de esgoto em 2016, o que representa 26,4% da receita total.

menta. Apesar de considerar as PPPs como "a última alternativa", ele pondera que, para torná-las mais efetivas, é preciso que a sociedade e uma agência reguladora forte acompanhem de perto.

"Na área de saneamento há uma dificuldade grande de controlar os custos da prestação do serviço. O segundo (risco) é a empresa abandonar o contrato e deixar o serviço em piores condições. Já aconteceu em Itu (SP)", pontua.

Mas, se tudo der certo, a retirada do esgoto pode melhorar significativamente a qualidade das águas dos rios urbanos. "É um processo. Mas, se parassem de poluir hoje, em no máximo cinco anos teríamos rios urbanos limpos. Isso se não houvesse nem uma gota de es-

66

Se parassem de poluir hoje, em no máximo cinco anos teríamos rios urbanos limpos"

RICARDO FRANCI
PÓS-DOCTOR EM
ENGENHARIA SANITÁRIA

goto", prevê o professor da Ufes Ricardo Franci Gonçalves, pós-doutor em Engenharia Sanitária.

Além do tratamento de esgoto, no entanto, é preciso também revitalizar o entorno dos rios, muitas vezes por meio de ações integradas entre prefeituras, Estado e fontes de financiamento como o Banco Mundial. "O custo é alto, muitas vezes tem que haver demolição de imóveis para a reconquista do leito enterrado. Isso afeta vários segmentos e há resistência da própria população", destaca a arquiteta Maria Cecília Barbieri Gorski, autora do livro "Rios e cidades: ruptura e reconciliação".

"Um plano desses, para dar certo, tem que ser aplicado por dez, 20, 30 anos", diz. "O que a gente

PREFEITURA DE PARIS

Entrevista

ÉDISON CARLOS

Presidente do Instituto Trata Brasil

“OS RIOS SÃO VITRINES”

▲ A Lei do Saneamento Básico (Lei nº 11.445/2007) completou dez anos. Presidente do Instituto Trata Brasil, Édison Carlos diz, no entanto, que a perspectiva de se universalizar o tratamento de esgoto no país ainda está distante.

É possível saber quando teremos a universalização do tratamento de esgoto no Brasil?

No final de 2013, a presidente Dilma Rousseff (PT) sancionou o Plano Nacional de Saneamento Básico, que previa a universalização em duas décadas, ou seja, 2033. O problema é que as premissas econômicas não se cumpriram já no primeiro ano do plano nacional. Não haveria recursos de longo prazo para saneamento. O governo federal não atualizou o plano. Mas estudos do Trata Brasil e da CNI mostram que essa data já está em 2050, praticamente. Hoje apenas 42% do esgoto produzido no Brasil é tratado. Mas em áreas urbanas há mais de 90% de água tratada. A água tratada evoluiu, mas o esgoto ficou para trás.

E isso nos coloca em que patamar em comparação com outros países?

O Brasil faz um papel ridículo. Argentina, Chile, Colômbia, todos estão à frente do Brasil. Peru e Bolívia estão no mesmo nível que o Brasil, mas no Chile já está resolvido. Um canadense ou um alemão nem sabe do que estamos falando. **Esse atraso, por si só, já traz dificuldades para**

vencer o atraso...

As cidades foram crescendo sem planejamento sanitário. Hoje é mais difícil fazer porque a cidade está construída, tem que quebrar asfalto, corrigir redes defasadas. O desafio é grande.

E qual o impacto disso nos rios urbanos?

Os rios urbanos são uma vitrine. Você olha e vê como é o saneamento na sua cidade. O esgoto é a grande fonte de poluição dos rios hoje. As praias e baías também são um termômetro.

Por que é tão difícil mudar esse quadro?

Não tem justificativa para o Brasil ficar na situação que está. Se o Brasil universalizasse o tratamento de esgoto, em 20 anos os ganhos seriam na casa de R\$ 500 bilhões com melhoria do turismo, do valor dos imóveis, a redução dos gastos com saúde e o aumento da produtividade.

As PPPs (parcerias público-privadas) são uma solução para alcançar a universalização?

É uma saída. Estive até aí no lançamento da PPP de Vila Velha. É uma opção válida ou não se tem recursos para cobrir o déficit. Agora, tem que ter uma agência reguladora para garantir a qualidade do serviço por um preço que se pode pagar. E a essência de qualquer agência reguladora é a independência política, financeira e jurídica.

Antes poluídas, águas do Rio Sena foram tratadas e hoje dão suporte à atividade turística em Paris

CLAUDINHO CORADINI/AE

Rio Piracicaba, em São Paulo: bom exemplo de recuperação

vê, também nos outros países, é que todos começam a agir por colapso. Enquanto não tem uma situação catastrófica, ninguém se mobiliza”, complementa.

BONS EXEMPLOS

O Rio Sena, em Paris, por exemplo, chegou a ser considerado biologicamente morto no início da década de 1960. Hoje conta com piscinas instaladas para o lazer da população. Para isso, o governo francês investiu em estações de tratamento e nos chamados jardins filtrantes, num parque público de Paris. Assim, plantas são utilizadas para limpar o rio. Fábricas e empresas que despejam substâncias nas águas são multadas. Além disso, há um incentivo em dinheiro

para que agricultores que vivem às margens do rio não o poluam.

No Brasil, também há iniciativas para revitalização de cursos d'água urbanos. Um deles é o Rio Piracicaba, em São Paulo. “Era um rio altamente poluído e aberto (ou seja, não coberto por concreto). A população estava identificada com o rio, pressionou a prefeitura, teve um patrocínio da Petrobras e até ampliou-se a extensão da recuperação. O rio ainda não é fonte de abastecimento de água porque ainda tem esgoto, que vem até de outras cidades. São anos de trabalho para ver tímidos resultados”, explica Gorski.

O Rio Piracicaba tem 100 km de extensão. A primeira fase do projeto de recuperação do cha-

mado projeto Beira-Rio prevê a valorização do ambiente urbano, com a criação de uma trilha às margens do rio, implantação de piso permeável nos arredores, como em estacionamentos próximos, plantio de árvores, recomposição da vegetação natural e melhorias na infraestrutura de drenagem. Para recuperar rios, em geral, além das ações na paisagem e a ampliação do tratamento de esgoto, é essencial também promover a coleta de lixo e dos resíduos sólidos da construção civil.

gqzetaonline.com.br

SÉRIE COMPLETA
Confira toda a série “Águas Passadas”, com vídeos e fotos exclusivas.

66

As cidades foram crescendo sem planejamento sanitário. Hoje é mais difícil fazer porque a cidade está construída. A água tratada evoluiu, mas o esgoto ficou para trás”

